

VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: PROPOSTA PARA NEUTRALIZÁ-LA

Prof. José Maurício Capinussú

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O trabalho objetiva prestar mais uma contribuição às várias tentativas que se têm feito de humanizar a prática esportiva, dentro de um aspecto capaz de colocar a situação-problema como um fato de transcendental importância – a violência no futebol. Dentro e fora das praças esportivas, o problema da violência tem acontecido sob variadas formas, desde a simples troca de ofensas até os assassinatos, passando pela pancadaria e pelas agressões das quais não escapam nem mesmo pessoas indefesas, como crianças e idosos. Campanhas educativas têm sido constantes, premiações à disciplina dos atletas no campo de jogo têm sido prometidas e concretizadas, mas, por

enquanto, os resultados têm sido pouco compensadores em relação aos esforços dispendidos e às verbas gastas com as campanhas anteriormente mencionadas. Neste trabalho, nos baseamos em análises de autores que há alguns anos vêm estudando o problema, bem como em observações feitas em nossa militância ao longo de 45 anos de campo esportivo, estabelecendo seis conclusões e dezesseis recomendações por nós consideradas de fundamental importância, caso se queira realmente minimizar o problema. Estas recomendações se baseiam também na análise da revisão de literatura feita ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: violência, esporte, problema, jogador, educação, futebol.

Abstract

The purpose of this study is to contribute with the several actions that have been trying to humanize sports activities, especially in soccer, in which violence constitutes an essential issue. In and outside courts and fields, violence has been happening in many ways, from cursing to killing, from beating to coward attacks against defenseless old people and children. Educational campaigns have been constantly held, as well as prizes for disciplined athletes have been offered and given, but so far results have not been worth the effort and financial

resources spent. This study has been based on analyses of the works of some authors who have been studying this issue and on 45 years of observation of sports fields, ending up in six conclusions and sixteen essential recommendations that must be followed if the aim is to solve the problem. These recommendations have also been based on the analysis of literature review along this study.

Keywords: violence, sports, problem, player, education, soccer.

INTRODUÇÃO

A violência no futebol, nos últimos anos, vem se tornando um fenômeno digno de estudos, principalmente por envolver multidões, extrapolando o campo de jogo e contagiando negativamente os espectadores.

Levantamentos realizados em países europeus indicam que o vandalismo, hoje muito presente nas arquibancadas e até fora dos locais de competição, se situa mais entre uma juventude frustrada, predominantemente de pessoas do sexo masculino, motivada por verdadeiros dopings causados pela ingestão desenfreada de bebidas alcoólicas e tóxicos.

Até alguns anos atrás, a violência nas arquibancadas restringia-se a brigas esporádicas devido à rivalidade existente entre os adeptos deste ou daquele clube, às vezes ligeiramente motivados por uns poucos copos de cerveja.

No próprio campo de jogo, quando os atletas se desentendiam, dificilmente o problema envolvia número superior a dois ou três participantes. Mas a situação mudou assustadoramente nos últimos anos, inclusive nos países mais desenvolvidos econômica e culturalmente. Dentro de campo, brigam jogadores, dirigentes, técnicos e integrantes das torcidas, que invadem o local armados de pau, barras de ferro e até mesmo facas, descarregando todos os recalques sobre pessoas que mal conhecem e se transformando em algozes gratuitos de inocentes vítimas, em um cenário digno dos tempos em que os desprotegidos cristãos enfrentavam em terrível desvantagem as feras soltas nas arenas dos circos romanos.

Estudiosos no assunto foram por nós observados, por meio de suas teorias e opiniões, dentro de uma revisão literária, que nos serviu também para estabelecer conclusões e recomendações, cujo objetivo principal é minimizar e, até a médio prazo, somando-se a outras contribuições que venham a aparecer, acabar com a violência dentro e fora das praças esportivas.

Violência em análise

A agressividade deve estar sempre presente na competição esportiva. Não a violência repre-

sentativa da agressão, da fraude, do comportamento antiético, mas a agressividade representada pela garra, pelo brio, pela bravura, pelo esforço com que o atleta parte em busca da vitória, do ganho honesto, suado, leal e brilhante.

Para Bonet (1998), torna-se indispensável garantir a especificidade da luta esportiva, evitando-se interpretar como manifestação agressiva a atividade que assume a forma de um combate. Essa assertiva nos permite dizer que é significativa a utilização de formas opostas de valorização de comportamentos idênticos, conforme a classe social a que pertencem seus protagonistas.

Segundo Ingham (1993), aquele que realiza um ato determina, em grande escala, a interpretação desse ato. Ingham cita, como exemplo, dois fatos concretos. No primeiro, um grupo de estudantes de Oxford se embebedou, quebrando tudo o que encontrava à frente no hotel onde se hospedara. A imprensa inglesa falou na "alegria da juventude" e num comportamento que deveria ser aceito, porque era característico de uma determinada fase de vida. Por outro lado, quando jovens operários têm o mesmo comportamento, fala-se imediatamente no "desejo selvagem e animalesco de destruição", sendo rotulados de "bandidos e selvagens", que demonstram o seu desejo inato de agressão e destruição. Trata-se de uma indulgência por demais discriminatória, comum nos povos de língua portuguesa.

Vale recordar uma declaração do treinador Moisés, que, em seu tempo de jogador, foi um apologista da violência e um autêntico predador do futebol técnico, ao comentar um incidente ocorrido em um treinamento em que dois jogadores trocaram socos e pontapés: "No fundo, a briga até que foi boa. Mostrou que o clube tem um time de machos. E futebol, como todos dizem, é coisa para homens". Além de condenável chauvinismo, a atitude Moisés evidencia a sua formação empírica em técnico de futebol, formação obtida através da "geração espontânea" e desprovida daqueles elementos que o verdadeiro técnico de futebol, preparado em cursos de pós-graduação pelas escolas superiores de Educação Física, incorpora através de ensinamentos que incluem disciplinas como a Psicologia Comportamental, capaz de transmitir procedimentos bem mais corretos do que o manifestado pelo personagem acima mencionado.

Filosofia da violência

Melo de Carvalho (1985) denomina de "violentalogia" a filosofia da violência, citando Powell ao colocar o esporte como uma agressão que constitui motivação para a realização de uma performance, acentuando que a finalidade da agressão é a identidade de si próprio; é uma parte integrante do processo de sobrevivência.

O crescente desemprego e a crise financeira, problemas de âmbito internacional, proporcionam poucas esperanças para os jovens não-qualificados obterem a satisfação de suas necessidades imediatas, criando tensão emocional e cultural entre esses jovens e a sociedade em geral.

A afirmação social, econômica e política dos dirigentes torna o sucesso um elemento indispensável, inclusive para evitar o afastamento dos torcedores quando a equipe perde no campo de jogo.

De sua parte, o atleta passa a ser tratado cada vez mais como um operário, que deve produzir permanentemente, vendendo sua força de trabalho, enquanto os patrocinadores se constituem em outro processo que, indiretamente, vai influir na violência esportiva. As grandes empresas conseguem obter um êxito publicitário sem precedentes para seus produtos, de uma forma bem mais econômica do que pela utilização dos meios clássicos de publicidade. Mas, evidentemente, um patrocinador só se dispõe a financiar uma equipe se esta for vencedora.

O exacerbado culto da vitória, proclamado por técnicos e dirigentes, transforma os atletas em selvagens e os espectadores em fanáticos agressivos e violentos.

Para Ingham (1993), três tipos de fatores determinam a situação atual:

a) A mutação verificada no esporte profissional de 20 anos para cá, em todos os aspectos, como conseqüência da intervenção sempre crescente do dinheiro;

b) A influência dos meios de comunicação sobre as relações entre os esportes de massa de caráter coletivo, como grande espetáculo, e a violência;

c) O tipo de comportamento e a sensibilidade própria dos torcedores dos clubes em relação à própria violência e ao significado que esta possui para eles próprios.

Consciente de que a violência dos espectadores fanáticos está ligada às apostas, a ingestão descontrolada de álcool e/ou drogas e ao pobre espetáculo que os jogadores mais agressivos proporcionam, Melo de Carvalho (1985) formula as seguintes questões:

a) Como explicar que a enorme maioria dos intervenientes nos tumultos sejam "jovens sem perspectivas" de trabalho?

b) Sendo a maioria desses jovens pertencentes ao sexo masculino, como explicar que as mulheres jovens, faixa onde o desemprego é muito maior, não participem dessas manifestações de violência?

c) Por que é que se valoriza a participação da classe operária, quando se sabe que a violência se exprime normalmente com igual intensidade entre os jovens oriundos da burguesia?

d) Serão essas manifestações diferentes, em sua origem e caráter, daquelas que encontramos nos grandes concertos de música "rock", em que rapazes e moças manifestam idêntico comportamento?

Meios de comunicação e violência

Em trabalho publicado há algum tempo, Magnane alertava para o processo de mitificação do campeão e o reforço mútuo existente e procurado entre as exigências espontâneas do consumidor e a preocupação em satisfazê-las imediatamente, a qualquer preço, por parte dos órgãos de comunicação.

Magnane é enfático ao dizer que "Reclamando cada vez mais prodígios, o público incita os jornalistas especializados a inventar sem cessar novos acontecimentos. Estas invenções, por seu lado, suscitam novas necessidades".

A maior parte da imprensa escrita, falada e televisada é representada por empresas comerciais que precisam usufruir lucros, exatamente como qualquer outro empreendimento capitalista, onde predomina a lei da receita e da despesa.

Neste contexto, a violência é um dos ingredientes indispensáveis ao aumento das tiragens e da audiência de rádio e televisão. Pergunta-se, então, até que ponto esta exploração não fabrica mais violência? E que papel os meios de comunicação

de massa desempenham em relação à violência e ao seu fomento? Segundo Morris (1991), a imprensa exagera desmedidamente os incidentes, para fabricar notícias sensacionalistas que vendem jornais.

A comunicação esportiva integra-se a este grande movimento gerador de violência que invade a sociedade de classes de um extremo a outro. Não gera violência, mas se encarrega de transmiti-la, veiculá-la e prepará-la, incluindo-se num sistema cultural que procura garantir a reprodução do poder.

Depreende-se, assim, que imprensa esportiva, devido à capacidade de criar o acontecimento, tem maior responsabilidade em relação à violência.

Violência e educação esportiva

A questão da violência é fundamental na educação esportiva, da mesma forma que o é para toda a educação. A tarefa formativa do educador, através da prática esportiva, surgiu com Tomas Arnold e o seu colégio de rugby, utilizado como instrumento pedagógico nas escolas públicas inglesas durante a era vitoriana.

A admiração do jovem pela estrela esportiva, particularmente no futebol, é ilimitada. Por isso mesmo, pode encerrar um dos mais perigosos aspectos da prática esportiva pelas crianças e pelos jovens. A luta contra a violência esportiva passa inevitavelmente pela formação educativa do próprio atleta, motivando a necessidade de campanhas de esclarecimento que objetivem a educação esportiva em prol do espírito e da ética do esporte.

A falta de educação esportiva, atualmente, oferece exemplos substanciais:

1. Copa da Europa de Clubes (Copa da UEFA): jogo disputado em Bruxelas entre Liverpool e Juventus, quando torcedores ingleses derrubaram a cerca e agrediram selvagemmente torcedores italianos, registrando-se algumas mortes.

2. Copa da Europa de Seleções, 1988: torcedores ingleses bebem desbragadamente e provocam desordens na Alemanha, sendo presos e expulsos da cidade de Dusseldorf.

3. Eliminatórias da Copa do Mundo, 1993: novamente torcedores ingleses, os "hooligans", na berlinda. Bêbados e, segundo os órgãos noticiosos,

alguns sob efeito de drogas, provocam badernas em Amsterdam, sendo presos e colocados no avião que os levaria de volta a Londres, 24 horas antes do jogo entre Holanda e Inglaterra.

4. Jogo Palmeiras x São Paulo, pelo Campeonato Paulista de Futebol (1995): as duas torcidas se agrediram, causando a morte de um jovem de 17 anos.

5. Dirigentes entram em campo para agredir árbitros, proporcionando um exemplo negativo aos atletas.

6. Briga entre jogadores na partida entre Brasiense x Ipatinga, pela 3ª divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol 2002, extensiva aos dirigentes e torcedores dos dois clubes, em que até um dirigente do clube, que tinha o mando de campo (Brasiense), mandou abrir os portões que dão acesso da torcida ao campo de jogo, para que torcedores do clube local pudessem agredir os atletas do clube visitante. Destaque-se que este dirigente é um ex-senador cassado por envolvimento em atos de corrupção envolvendo dinheiro público.

7. Dirigente faz um afago no atleta, após este se portar de forma inconveniente e ser expulso do jogo, prejudicando sua equipe. Não se trata de um conforto, mas de um estímulo à falta de educação esportiva.

8. Tribunais esportivos estimulam a deseducação do atleta e, por indução, a violência, aplicando punições por demais leves e até ridículas aos infratores.

9. Jogo Barcelona x Real Madrid, pelo Campeonato Espanhol de Futebol 2002, reunindo os atletas mais caros do mundo (Figo, Ronaldinho, Zidane, Roberto Carlos, Raul, Kluivert): torcedores do Barcelona, que dava o mando de campo, provocam a suspensão temporária da partida no momento em que o português Figo ia cobrar um escanteio, arremessando uma série de objetos (garrafas de plástico, pilhas e até uma garrafa de uísque, portanto, de vidro) no referido jogador, como uma forma de hostilizá-lo por ter cometido o "pecado" de trocar o clube da casa pelo Real Madrid.

Estas talvez sejam as situações de repercussões mais negativas em âmbito nacional e internacional; entretanto, se fôssemos citar todos os casos até então divulgados, certamente teríamos material para escrever um livro.

CONCLUSÃO

Com base nestas considerações podemos estabelecer as seguintes conclusões:

1. A violência no futebol é um reflexo da violência que grassa na sociedade.

2. O aumento da violência no futebol reflete a pressão cada vez maior que se exerce sobre os atletas, com o objetivo de levar à vitória utilizando qualquer recurso.

3. Os próprios dirigentes e técnicos esportivos gostam de estimular seus atletas a recorrerem à violência como uma forma de atingir o objetivo colimado – a vitória.

4. Os grandes interesses comerciais, representados pelos patrocínios milionários e os altos prêmios em dinheiro oferecidos pelos dirigentes (sempre eles!), levam o atleta a se valer da violência (agressões, fraudes, dopings) na ambição de vencer o jogo.

5. O estímulo proporcionado pela imprensa sensacionalista alardeando os fatos negativos e acirrando os ânimos às vésperas da competição concorre para a ocorrência da violência no campo de jogo.

6. O estímulo dado pelos clubes às chamadas torcidas organizadas, proporcionando-lhes uma série de injustificadas regalias, desde a distribuição de grande número de ingressos até a doação de quantias, às vezes vultuosas, transformando grupos que antes iam aos estádios apenas para incentivar os times de sua predileção de forma entusiástica, pura e bonita, em organizações comerciais onde até tóxico é negociado.

RECOMENDAÇÕES

De acordo com as conclusões acima mencionadas, podemos fazer as seguintes recomendações:

1. Criar um organismo próprio, especializado na luta contra a violência imperante no futebol, com funções jurídicas e sem maiores implicações burocráticas.

2. Organizar cursos destinados à formação de dirigentes, objetivando dar-lhes mais maturidade, mais personalidade, mais cultura e melhores condições técnicas.

3. Exigir melhor qualificação dos ocupantes de funções diretivas: entidades de administração e prática do futebol, não devendo os mesmos estar incriminados com justiça esportiva, trabalhista ou criminal.

4. Incentivar campanhas anti-violência na escola, procurando-se inculcar nas competições estudantis princípios moralizadores e honestos, citando como exemplo para os jovens o papel desempenhado pelo atleta de alto nível técnico e, principalmente, moral.

5. Proibir a venda de bebidas alcoólicas de qualquer espécie nos estádios de futebol.

6. Reformular e atualizar completamente a legislação esportiva, enfatizando a coibição da violência e prescrevendo pesadas punições aos infratores.

7. Envolver todos os segmentos da sociedade nas campanhas antiviolência, utilizando-se modernas formas publicitárias capazes de sensibilizar dirigentes, treinadores, jogadores e o público em geral.

8. Evitar a participação, nas campanhas, de políticos inescrupulosos que tentem manipular a opinião pública em proveito próprio.

9. Restringir o acesso ao campo apenas à Comissão Técnica (supervisor, médico, técnico, preparador físico, massagista), jogadores, policiais, árbitros e auxiliares. A imprensa esportiva será representada apenas pelos fotógrafos, que deverão postar-se atrás de uma cerca flexível colocada paralelamente à linha de fundo.

10. Proporcionar melhor formação ao jogador, induzindo-o a estudar ao mesmo tempo em que pratica o futebol.

11. Punir o clube pelos atos de seus dirigentes e treinadores que estimulem a violência, infringindo-lhe perda de pontos, do mando de campo e pesadas multas, caso o fato tenha ocorrido em suas instalações.

12. Consultar o Ministério do Trabalho sobre a validade de regulamentar uma punição ao atleta que provoque lesão em seu adversário, afastando-o de qualquer competição durante o mesmo período em que o colega de profissão lecionado estiver ausente dos campos de jogo.

13. Apurar melhor a formação dos árbitros, exigindo que tenham nível universitário e sejam dirigidos por um órgão cujo titular represente o que de mais nobre tem a classe.

14. Aperfeiçoar e reforçar as condições de segurança nos estádios, equipando os órgãos policiais com materiais modernos (câmeras instaladas em dirigíveis e filmadoras normais, com pessoal infiltrado entre os torcedores).

15. Obrigar os clubes a colocar na direção técnica das equipes representativas das categorias de base somente professores de Educação Física, isto é, educadores, que possam realmente proporcionar uma formação compatível ao adolescente.

16. Punir a violência no campo de jogo da forma mais severa possível, providenciando a prisão em flagrante e a instauração de processo criminal contra o atleta que agredir seu colega de profissão.

Endereço para correspondência:

e-mail: jmcapinussu@hotmail.com

Av. João Luiz Alves - S/Nr

Fortaleza de São João - Urca - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 22.291-090

REFERÊNCIAS

BONET, M. *Signification du sport*. Paris: Editions Universitaires, 1998.

BECKER, H. S. *Uma teoria de ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CARVALHO, M. *Violência no desporto*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

INGHAM, R. *Aspectos psychologiques et sociologiques de la violence en sport, le cas de la voyoterie em football britannique*. Revista Olímpica, Lausanne, 1993.

LASEH, C. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983

MAGNANE, G. *Sociologie du sport*. Paris: Gallimard, 1983.

MORRIS, D. *A tribo do futebol*. Lisboa: Europa-América, 1991.

SMITH, M. *D Violence in today's sport, a historical and a sociological perspective*. Scholastic Sport, 25, 1980.